

A felicidade na filosofia de Tomás de Aquino

Happiness in the philosophy of Thomas Aquinas

Janduí Evangelista de Oliveira¹
Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa²

Resumo

A crise de paradigmas da modernidade provocou um ceticismo generalizado que perpassa pelos temas da filosofia, inclusive as discussões acerca da felicidade do homem contemporâneo. Por isso, a felicidade vem desaparecendo dos debates filosóficos e isso traz grandes prejuízos para a vida humana. Com este artigo, quer-se retomar esta questão à luz da filosofia de Tomás de Aquino pontuando sua importância no texto filosófico atual. Para tanto, nossa discussão se fundamenta, principalmente, da terceira parte da *Suma Teológica*, juntamente com as contribuições oriundas de seus comentadores. Ver-se-á que Tomás de Aquino incorpora, critica e dá continuidade à tradição das éticas eudemonistas. Admitindo que o fim da vida humana seja a felicidade e que ela vem de Deus. Desse modo, a felicidade se apresenta para todas as criaturas, como um movimento de retorno a Deus, cuja inteligência e vontade desempenham um papel fundamental. Logo, o homem não pode não querer sua felicidade, pois o ordenamento ontológico para ela é co-extensivo à sua própria natureza.

Palavras-chave: fim último; bem-aventurança; inteligência; vontade; Deus.

Abstract

The crisis of paradigms of modernity led to widespread skepticism that permeates the themes of philosophy, including discussions about the happiness of contemporary man. Therefore, happiness is disappearing from the philosophical debates and it brings great harm to human life. With this article

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: janduiomi@hotmail.com

² Professor/coordenador da Graduação em Filosofia da UFPE. Professor do Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado integrado) em Filosofia da UFPE/UFPB/UFRN. E-mail: marcosnunescosta@hotmail.com

we revisit this issue in light of the philosophy of Thomas Aquinas scoring its importance in the current philosophical text. To this end, our discussion is based mainly on the third part of the *Summa Theologica*, along with the contributions of his commentators. We will see that Aquinas incorporates critical and continues the tradition of ethical eudemonistas. Assuming that the end of human life is happiness and that it comes from God. Thus, happiness is presented for all creatures, as a movement back to God, where the intellect and will play a key role. Therefore, man can not not want your happiness, because the ontological order for it's co-extensive with its nature.

Keywords: end last; bliss; intelligence; will; God.

Introdução

Não é preciso estar inserido no contexto acadêmico para perceber o fenômeno da crise contemporânea, uma crise de paradigmas éticos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Devido à crise, muitas rupturas e sobressaltos provocaram um ceticismo generalizado na vida prática do homem contemporâneo, na qual até a ideia de felicidade se encontra afetada. Contudo, acredita-se ser necessário resgatar a questão e reintroduzi-la nos nossos currículos, pois, apesar da crise, ela ainda é vista por boa parcela dos homens como um bem digno de ser discutido. Por isso, a filosofia deve repensar a questão felicidade no mundo de hoje, começando pela análise de questões já postas para, a partir daí, reiniciar a reflexão sobre essa temática, haja vista que a contribuição que a filosofia pode dar ao tema é significativamente distinta de qualquer outra área do conhecimento.

Assim sendo, vamos retoma-se a discussão do tema a partir do pensamento de São Tomás de Aquino, grande pensador do final da Idade Média, que deu grande contribuição para a abertura dos novos caminhos tomados pela Filosofia Moderna e pela Contemporânea.

Como já foi citado anteriormente, a questão da felicidade se encontra esquecida nos debates filosóficos contemporâneos, no entanto, a preocupação com essa temática já está presente na história da filosofia, especialmente nas filosofias antiga, medieval, moderna e muito pouco na filosofia contemporânea ficando

restrita, praticamente, aos livros de autoajuda. Embora partindo do pensamento do tomista, vale salientar que, apesar de seu pensamento tenha subjacente o contexto aristotélico, ele o atualiza de acordo com os moldes do cristianismo, impondo, assim, sua marca e efetivando sua contribuição para a reflexão do mesmo. Tomás de Aquino, ao escrever sobre a felicidade, “incorpora, critica e dá continuidade à tradição das éticas eudemonistas ao considerar a felicidade o fim último da atividade humana”³. Ou seja, não é uma simples tradução para o mundo cristão, mas uma nova ótica da filosofia aristotélica. Todavia, mesmo não tendo escrito uma obra que trata especificamente do tema da felicidade, ela se encontra em toda obra de Tomás de Aquino, seja em modo conceitual ou existencial.

No presente artigo, a ideia apresentada é fundamentada a partir da terceira parte da *Suma Teológica* e somada à contribuição de alguns comentadores seus. No decorrer do trabalho, no que diz respeito ao tema da felicidade, vê-se que Tomás de Aquino recebe influência, tanto de Aristóteles e Severino Boécio como de Santo Agostino.

Tomás assegura que o homem não vive por acaso, mas que a vida humana tem um fim e esse fim é a felicidade. A felicidade é a vida em Deus, no entanto, o homem precisa conhecer os meios adequados para a sua posse. Mesmo admitindo que a vida humana tem um fim último, o homem tem o livre arbítrio, e de certa forma ele goza de liberdade. E, para evitar que isso aconteça, é necessário que a vida (alma) desempenhe seu papel fundamental e primeiro, que é de guia do homem.

Todavia, a felicidade vem representar um movimento de retorno a Deus de todas as criaturas e, nesse movimento de retorno, inteligência e vontade desempenham um papel fundamental. Nesse sentido, Deus orienta o homem mediante uma inclinação a

³ ADELLA *apud* PICHLER, Nadir Antônio. **Revista Cultura de Fé**. n. 130, p.311, jun./set. ano 33.

sua própria realização, por intermédio de um desejo de bem-aventurança em que o homem não pode não querer sua felicidade, pois o ordenamento é co-extensivo à sua própria natureza.

1 A questão da pseudofelicidade em Tomás de Aquino

O desenvolvimento do tema da felicidade em São Tomás de Aquino parte do princípio de que a vida humana é portadora de um fim⁴ último, que, por sua vez, é identificado como a bem-aventurança. Esse fim último fornece o sentido de todos os acontecimentos da vida humana. Porém, nem todos os acontecimentos se justificam em função desse fim, haja vista que, nem sempre o homem age em vista dele. Logo, a questão da felicidade encontra-se ligada diretamente ao sentido da vida e está vinculado à essência do homem. Contudo, antes mesmo de chegar a essas conclusões, São Tomás de Aquino se dispôs a analisar as concepções de felicidade recorrentes em sua época. Havia correntes que identificavam a beatitude com a posse das riquezas, com a conquista da fama, do poder e dos bens do corpo. No entanto, pode-se afirmar *a priori* que Tomás as considerou como meios e/ou critérios não adequados para conceber a vida feliz, pois esses meios conduziram à falsa noção de felicidade.

Após a análise particular de cada questão, Tomás de Aquino afirma ironicamente para aqueles que pensam que a conquista da felicidade se legitima por meio da obtenção de riqueza:

A bem-aventurança é o estado perfeito da junção de todos os bens'. Ora, parece que pelo dinheiro poderão se adquirir todas as coisas, porque o Filósofo, no livro V da *Ética*, o dinheiro se inventou para ser a fiança de tudo aquilo que o homem quisesse possuir. Logo, a bem-aventurança consiste nas riquezas⁵.

⁴ Por fim, deve-se entender aquelas ações que procedem da vontade deliberada.

⁵ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Parte III. São Paulo: Loyola, 2003.

É importante observar, que essa citação não representa o pensamento de Tomás de Aquino, mas apenas lembra que esse fundamento vai causar uma falsa ideia acerca da felicidade. Na verdade, o que ele diz é isso: “é impossível que a bem-aventurança consista nas riquezas”⁶. Pois a riqueza não tem consistência existencial em si mesma, pois sua razão de ser está em fora dela mesma.

Com Aristóteles, Tomás de Aquino aprendeu a distinguir a riqueza em dois tipos:

As riquezas naturais são aquelas pelas quais o homem é ajudado a compensar as deficiências naturais como, a comida, a bebida, as vestes, os veículos, a habitação etc. As riquezas artificiais são aquelas que por si mesmas não auxiliam a natureza, como o dinheiro, mas a arte humana as inventou para facilitar as trocas, para que fossem como medida para as coisas veniais⁷.

Mesmo com a posse de uma ideia mais ampla da ideia da riqueza, a riqueza natural e a riqueza artificial, em nenhuma delas, o Aquinate a reconhece como fonte de felicidade. Posto que a riqueza não tem um fim em si mesma. Quem busca a riqueza, busca-a tendo em vista a aquisição de outras coisas, ou seja, bens materiais. Portanto, é por esse motivo que as riquezas não podem ser identificadas com a felicidade, posto que a beatitude tem seu valor em si mesma.

Igualmente ao que acontece com a riqueza, aplica-se à ideia de felicidade derivada honra. Pois o valor da honra está muito mais para o sujeito que a confere do que para aquele a quem ela é conferida. Nesse sentido, diz Aquino: “é impossível que a

p. 47. Disponível em http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=V0FI8b2CQ6IC&oi=fnd&pg=PA9&dq=suma+teologica&ots=oxasHI0eJP&sig=ZozSI8igqm-EdtIyuYk_GTrfbDk#v=onepage&q&f=true Acesso em 26 de novembro de 2011.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

bem-aventurança consista na honra. A honra é prestada a alguém devido alguma sua excelência: e assim, é um sinal e testemunho daquela excelência que está no honrado”⁸. De modo igual, pode-se considerar a fama ou glória, o poder, e os bens do corpo. Todos são considerados como elementos inadequados para a aceção da felicidade. Isso porque a fama pode ser adquirida por meio de um falso conhecimento. Contudo, diz Tomás: “a bem-aventurança é o mais estável dos bens”⁹. A falta de estabilidade da fama ocorre pelo fato de ela derivar, exclusivamente, do conhecimento humano, que, por sua vez, é limitado. Somos passíveis de equívocos, pode-se louvar algo ou alguém que não tenha mérito para merecer louvação. Logo, a fama não pode ser identificada com a bem-aventurança.

Do mesmo modo, o poder, contrariamente à bem-aventurança, apresenta-se como algo falho e imperfeito. Como já reconhecia Boécio: “o poder humano não pode evitar o tormento das preocupações, nem o aguilhão do medo”¹⁰. Portanto, o poder não pode consistir na bem-aventurança por dois motivos: primeiro, ele não tem razão de ser em si mesmo e, em segundo lugar, ele pode dirigir-se tanto para o bem como para o mal, algo inadmissível à beatitude, que se refere exclusivamente ao bem.

No caso dos bens do corpo, mesmo que eles sejam um bem estimado por todos, não se pode identificá-lo com a vida feliz; porque, se o critério a ser usado para a aceção da felicidade for os bens do corpo, o homem é obrigado a admitir que muitos animais, (por apresentarem capacidades físicas de realizar certas ações como voar, correr, etc. com mais eficácia que os humanos) são mais felizes que boa parte dos seres humanos, mas isso é absurdo. Logo, a bem-aventurança do homem é superior em todas os sentidos à dos animais, embora muitos animais superem os homens nos bens do corpo:

⁸ *Ibid*, p. 49.

⁹ *Ibid*, p. 50.

¹⁰ BOÉCIO *apud* AQUINO, 2003, p. 52.

é impossível que a bem-aventurança consista nos bens do corpo. Primeiro, porque é impossível que o fim último daquilo que se ordena para outra coisa como para o seu fim, seja a sua conservação no existir [...]. Segundo, porque concebido que o fim da razão e da vontade humana fosse à conservação do existir humano, não se poderia dizer que o fim do homem fosse alguma bem ao corpo. Ora, o ser do homem consiste na alma e no corpo, e, embora o ser do corpo dependa da alma, o ser da alma não depende do corpo [...]. Consequentemente, todos os bens do corpo se ordena para os da alma, como para o fim¹¹.

Portanto, a beatitude ou felicidade é mais uma questão de ordem espiritual que de ordem material. A felicidade não pode consistir em um bem corruptível, mas em algo que se volta prioritariamente para a eternidade.

2 Mas que é então a felicidade na filosofia tomista?

Inicialmente, é importante lembrar que a filosofia de Tomás de Aquino inspira-se nas teses aristotélicas e tem como objetivo torná-las compatível com a fé cristã. Nesse sentido, a alma é concebida, essencialmente, como intelecto. Por essa razão, entende-se que: “o fim da vida humana é a felicidade caracterizadas formalmente nos termos de Aristóteles”¹². À medida que, em Aristóteles, a conquista suprema e final da felicidade limitava-se, no homem, à imanência, em Tomás de Aquino, a exemplo de Agostinho, no entanto, ela se eleva à transcendência. A partir dessa constatação, conclui-se que a vida do homem não consiste somente no desfrute das coisas efêmeras do mundo, mas apresenta uma orientação para uma vida bem estruturada, por meio da conquista da beatitude.

¹¹ *Ibid*, p. 54-5.

¹² MICHON, Crylle. Tomás de Aquino. *In*: PRADEAU, Jean-François (Org.). **História da filosofia**. Trad. de James Bastos Ares e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2011. p.163.

Na ideia de felicidade de Tomás de Aquino, é possível identificar as influências recebidas de seu tempo. Com Boécio, o Aquinate compartilhou do seguinte questionamento: ‘é necessário confessar que Deus é a própria bem-aventurança’¹³? Mas, depois de muito refletir essa questão, o Doutor Angélico chegou à conclusão de que o sumo bem é próprio da natureza de Deus. E que não é possível a existência de mais de um sumo bem, assim a bem-aventurança não pode ser outra coisa senão Deus. Desse modo, “a bem-aventurança é o último fim, para o qual naturalmente tende a vontade humana”¹⁴ e “para nenhuma outra coisa deve tender a vontade como para o último fim, a não ser para Deus, pois ele deve ser objeto de gozo, como diz Agostinho”¹⁵.

É necessário destacar que em Tomás de Aquino, o fim é entendido sob duas maneiras: de um lado, ele é a coisa que se deseja conseguir, e de outro, ele é a aquisição ou posse, ou o uso, ou o gozo da coisa desejada. Conforme o primeiro modo, o fim último do homem é um bem incriado que satisfaz perfeitamente a vontade do homem. No segundo caso, a bem-aventurança é algo criado, existente em si mesmo, e outra coisa não é senão a posse ou o gozo do fim último. “Portanto, deve dizer que Deus é a bem-aventurança em sua essência, ele é bem-aventurado: não por aquisição ou participação de outra coisa, mas em sua essência”¹⁶. E diferentemente de Deus, os homens são bem-aventurados por participação na essência divina. Mas Deus é bem-aventurado essencialmente, sem estar vinculado a nenhuma outra ideia. Logo, Deus é o fim último e único da substância intelectual.

Tomás de Aquino também analisou a possibilidade de a beatitude se estruturar ou não na primazia da vontade, chegando à seguinte conclusão, “a beatitude [...] consiste primeira e essencialmente em [um] ato do intelecto, mais do que em [um] ato da

¹³ AQUINO, 2003, p. 62.

¹⁴ *Ibid*, p. 63.

¹⁵ *Ibid*.

¹⁶ *Ibid*.

vontade. E conclui diferentemente da tradição agostiniana, que o primeiro desejado é o fim último do homem, a beatitude, e não o ato da vontade”¹⁷. Posto que a vontade, enquanto apetite natural, não é própria da natureza do intelecto, mas depende dele para a operacionalidade. Logo,

a beatitude suprema do homem consiste na contemplação das coisas divinas. É isto que toda a substância intelectual deseja como fim último e unicamente por si mesmo. Logo, a beatitude última de toda substância intelectual é conhecer a Deus¹⁸.

Dessa forma, a função própria do homem, ou seja, sua atividade intelectual converge para o conhecimento de Deus. A ponto de todas as criaturas, “inclusive as destituídas de intelecto, ordenam-se para um fim último, um bem supremo, que é Deus, enquanto participam da semelhança divina”¹⁹. E, por esta razão, o homem tem um fim altivo, que é conhecer o inteligível perfeitíssimo, aquilo que há de mais perfeito e sublime no gênero de operação do conhecimento intelectual, ou seja, Deus.

Entendendo o homem nessa perspectiva, De Boni, refere-se à filosofia de Tomás de Aquino nestes moldes: “o bem e o fim se identificam”²⁰. Todavia, o falar de um bem associa-se comumente a uma ação prática, que, por sua vez, liga-se a possibilidade de resultar em um bem ou um mal. Nesse sentido, Tomás de Aquino nos lembra Aristóteles: “a felicidade é a ação que procede de uma virtude perfeita”²¹. Logo, a bem-aventurança do homem é algo conatural à sua existência e se vincula diretamente à sua ação, que por sua vez, quando bem deliberada inclina-se

¹⁷ VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Escritos de filosofia IV**: introdução à ética filosófica 1. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p.199-200.

¹⁸ PICHLER, [s.d.], p. 315.

¹⁹ *Ibid*, p.315.

²⁰ *Ibid*, p.316.

²¹ AQUINO, 2003, p.64.

para o Sumo Bem. Portanto, “cada coisa é perfeita enquanto é ato”²², ou seja, enquanto é ação.

No entanto, a bem-aventurança do homem não se realiza plenamente nesta vida, ela encontra-se a caminho da perfeição final, que é o próprio Deus, que, por sua vez, existe em perfeição. Assim sendo, em sentido geral, a bem-aventurança refere-se à união do homem com o Sumo Bem. Mas, essa união não se efetua por meio da operação sensitiva, pois a bem-aventurança não se refere aos bens do corpo, sendo que a “ação pela qual a mente do homem se unirá com Deus não dependerá dos sentidos”²³, mas do intelecto, principalmente.

O assentimento dessa ideia nos levará a crer que a união da mente do homem com Deus se realiza pela ação da alma, especialmente pela ação do intelecto aliado à vontade. Esta conclusão se assenta nas palavras do próprio Tomás, que diz: “o intelecto aprende mais o fim que a vontade, todavia o movimento para o fim começa com a vontade”²⁴. Observa-se desse modo, que Tomás, contrariamente a muitos pensadores da tradição, supõe certa harmonia entre o corpo (sede da vontade) e a alma (sede da inteligência). Pois “O princípio que domina e rege essa questão é que a vontade segue a inteligência, de tal modo que todo ser inteligente, justamente porque é inteligente, é necessariamente dotado de vontade”²⁵.

Nesse sentido, “Deus está no ápice da imaterialidade e da espiritualidade, deve ter uma vontade perfeita, ato puro e idêntico à substância”²⁶. Na verdade, todo conhecimento é seguido de um apetite proporcionado pelo ser inteligente. Portanto,

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, p.67.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ HUGON, Eduard. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino:** as vinte e quatro teses fundamentais. Trad. de Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998 p.176.

²⁶ *Ibid.*

“a vontade emana da alma por meio da inteligência”²⁷, e disso deriva a constatação de que a vontade procede necessariamente da inteligência. Todavia, apesar de a vontade haver procedido da inteligência, ela deve ser esclarecida pela própria inteligência e, assim, dirigir-se para o seu objeto, segundo lhe é apresentado pelo entendimento.

Quando este (*o entendimento*) propõe o bem universal, que pode saciar todos os desejos, preencher todas as suas capacidades, satisfazer todas as suas tendências, a vontade será necessariamente dominada por um objeto maior que ela mesma, e assim como o nosso espírito adere necessariamente aos princípios primeiros evidentes e às conclusões que evidentemente deles derivam, também a vontade se dirige para o último fim, que é o bem o universal, o bem em toda plenitude, e para os meios necessários e evidentemente ligados a esse fim²⁸.

Entretanto, embora Tomás de Aquino tenha indicado a efetivação histórica da beatitude perfeita nesta vida, “ele defende a tese, diferente da dos mestres da Faculdade de Artes, que a verdadeira beatitude em plenitude só é possível na outra vida”²⁹. Pode-se concluir, então, a existência de duas espécies de felicidade: a perfeita, que deve ser aguardada para a vida futura, e a imperfeita, pela qual se é feliz nesta vida.

Desse modo, a felicidade da vida presente se dá sob dois modos: o da vida ativa e o da vida contemplativa, como escreve Aristóteles:

a conquista da beatitude é alcançada pela vida ativa e principalmente pela contemplativa. A ativa, por meio da prudência, é propiciadora da efetivação da práxis pelas virtudes morais na vida humana e na comunidade política em geral e preâmbulo à atividade contemplativa. Por

²⁷ *Ibid*, p.177.

²⁸ *Ibid*.

²⁹ PICHLER, [s.d.], p.317.

meio desta, pela virtude da sabedoria, o Aquinate procura elevar a alma intelectual do sábio à verdade mais inteligível, permanente, transcendente e eterna, Deus³⁰.

Nesse sentido, Gilson inclui as seguintes considerações:

Esta bem-aventurança, transcendente ao homem e à natureza, não é, sem embargo, um termo adventício imaginado para fazer concordar a moral com a religião; entre a bem-aventurança terrena, que nos é acessível aqui embaixo, e a bem-aventurança celestial à que somos chamados, há um íntimo acordo e quase uma continuidade. O fim último não é uma negação de nossos outros fins humanos, senão que, ao contrário, os recolhe sublimando-os, e nossos fins humanos são, por sua vez, como outras tantas imitações parciais e substitutos imperfeitos de nosso fim último³¹.

Conclusão

A filosofia de São Tomás de Aquino traz a questão da felicidade integrada à vida humana como um todo. Nela, todas as criaturas possuem um só e mesmo fim último: Deus. Entretanto, cada uma alcança esse fim conforme a sua natureza. O homem o alcança através de um ato do intelecto especulativo. Tal ato consiste na contemplação da própria essência divina. É, pois, nesse ato que reside a felicidade última do homem, do qual todos os demais atos são apenas uma participação imperfeita. Desse modo, o fim último do homem ultrapassa-lhe a natureza, pelo que ele só poderá atingi-lo mediante a graça divina.

Sendo assim, o fim último do homem, e a sua felicidade derradeira, não se encontram nesta vida. De fato, nem a posse dos

³⁰ *Idem.*

³¹ GILSON *apud* CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **O fim último do homem segundo Tomás de Aquino**. Site. Disponível na Internet. http://www.filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Fim_Ultimo.pdf Acesso em: 29 de novembro de 2011.

bens do corpo, nem os da alma podem dissipar a sua vontade e saciar a sua sede de conhecimento. Nesta terra, o homem só pode lograr uma beatitude imperfeita, pela contemplação dos efeitos de Deus, as criaturas que se assemelham. Sobrenatural em sua essência, o fim último do homem não lhe é contrário à natureza. Embora, primordialmente, um ato do intelecto especulativo, a beatitude última do homem não é a de um espírito puro.

Portanto, a felicidade não é uma utopia relegada a uma vida futura. Já se é feliz neste mundo, embora imperfeitamente, e felizes em plenitude na vida futura. Logo, querer a felicidade é querer viver em plenitude para sempre, inclusive no aqui e agora.

Referências

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2003. vol. III, 555 p. Disponível em http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=V0FI8b2CQ6IC&oi=fnd&pg=PA9&dq=suma+teologica&ots=oxasHI0eJP&sig=ZozSI8igqm-EdtIyuYk_GTrfbDk#v=onepage&q&f=true Acesso em: 26 de novembro de 2011.

PICHLER, Nadir Antônio. **Revista Cultura de Fé**. n.130, ano 33, p.311-318, jun./set. [s.d].

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Escritos de filosofia IV**: introdução à ética filosófica 1. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 483p.

HUGON, Eduard. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino**: as vinte e quatro teses fundamentais. Trad. de Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 318p.

GILSON *apud* CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **O fim último do homem segundo Tomás de Aquino**. Site. Disponível na Internet. http://www.filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Fim_Ultimo.pdf Acesso em: 29 de novembro de 2011

MICHON, Crylle. Tomás de Aquino. *In*: PRADEAU, Jean-François (org.). **História da Filosofia**. Trad. de James Bastos Ares e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2011. 619 p.

